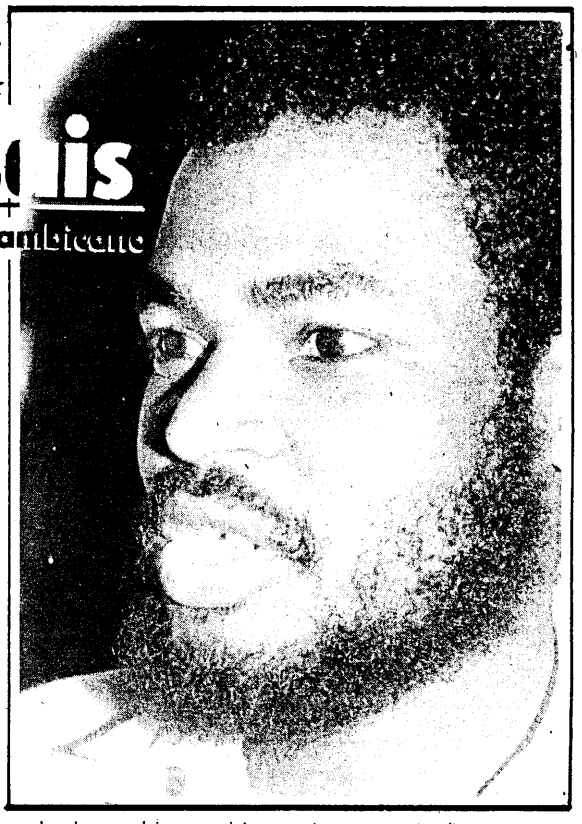
Por uma pintura de formas universais

Dom. 18/12/88

— assim se define Nurdino Ubisse, artista plástico moçambicano

por Filipe Ribas (texto) e Amadeu Marrengula (fotos)



NURDINE Ubisse não faz exactamente parte daqueles artistas que percorrem um longo caminho e que, hoje, se encontram na fase de maturidade. E'e percorreu simultaneamente muitos caminhos, sempre buscando, entre as diversas formas, aquela que, com mais acerto, transmitisse os seus sentimentos. Na sua trajectória de pintor, dir.se.ia multicotómica, manteve apenas a constância temática, como que a reflectir a persistência dos problemas na vida humana. Parece não ir uma grande distância temporal entre um quadro (cujo título já me foge) em que uma mulher pila no vazio, e a actual «sombra da morte», que não sai dos limites do espectro de sofrimento.

Hoje, o artista envolveu-se mais na tragédia de toda a Humanidade e falta dos mutilados de todo o mundo, das crianças vítimas da guerra nuclear.

— Os problemas são comuns a todos os países, por isso não é possível restringir as imagens do sofrimento apenas ao espaço em que vivo no momento em que pinto — faz questão de esclarecer Ubisse.

Naturalmente que a primeira preocupação colocada ao artista é saber se, com esta exposição, conseguiu alcançar o objectivo que tinha em vista. Quanto a isso, Ubisse considera que **o objectivo genérico é comunicar. Esse desejo vai se cumprindo por etapas, que emergem consoante a própria conjuntura social. Digamos que a sociedade, de forma permanente, impõe-nos essas etapas. Os problemas, os motivos que se comunicam têm, evidentemente, tendência à variação.**

É lógico que se pode dar o caso de sentir que retratei uma situação actual e candente, mas como ela está sujeita a mutações constantes, rapidamente serei chamado a olhar para outra meta. Talvez se não possa chegar a uma realização plena neste campo, porque a nossa própria natureza é sermos insaciáveis.

PERGUNTA — **Na presente exposição, Ubisse parece algo diferente do que conhecemos, como que a caminho de uma certa definição ou do que poderá vir a ser, no futuro, a sua produção artística. Curiosamente, esta exposição ocorre depois de um período de relativo silêncio. Será isto um resultado de estudo e pesquisa?**

NURDINE UBISSE — Não houve, necessariamente, um estudo cujo resultado seja esta exposição. É verdade que li muitas biografias de grandes pintores, os pioneiros da arte moderna sobretudo, o que me permitiu encontrar as formas universais de expressão artística. Foi assim que me distanciei das formas locais, porque, hoje em dia, o caminho é a universalidade e creio que a pintura será a primeira a ganhar esta batalha

P — **Numa análise retrospectiva das suas obras, efectivamente, não se encontram as tais formas locais, quando muito nota-se que, outrora, tinha uma dispersão de caminhos e...**

NU — A conjuntura era outra. Naqueles tempos, o meu interesse era expor o que tinha. Ora, como tinha um conjunto de caminhos que seguia, a amostragem reflectiu claramente isso. Nesta exposição defino o meu caminho, embora se notem tendências de diversificação, restos de uma atitude anterior. As variações técnicas, aliás, poderão ser a única nota de ramificação na minha produção, mas há uma interligação nítida. Ou nos planos, ou na utilização da mesma cor em vários tons, com cortes bruscos.

Agora, em relação ao aspecto particular das formas locais, devo dizer que a identificação da pintura com um local tem vantagens na apresentação do perfil dessa sociedade. No entanto, isso deve ser um ponto de passagem, porque o fundamental é que todo o planeta se encontre. Hoje em dia, os problemas mundiais são os mesmos, guerra, fome, injustiças, calamidades naturais, etc. Então, a criação artística, quanto mais universal melhor, porque as obras ganham maior valor de comunicação.

Isto significa que um transporte de formas (apresentação esquemática da abordagem), deve ser de uso universal. Nisto há a conveniência de abordarmos temas de índole local numa linguagem comum a todos os homens. A mensagem de agressão que quisermos transmitir deve chegar com a mesma intensidade ao americano, africano, asiático e europeu. Isso só é possível se os códicos artísticos forem universais.

P — **E as raízes? No caso de Moçambique, por exemplo.**

NU — Talvez isto seja polémico. Mas o desenvolvimento da arte moçambicana depende de um ponto de partida conhecido. Só assim é que podemos falar de raízes, falar de evolução e das linhas que ela segue. Agora, qual é o nosso ponto de partida? O que há da nossa pintura a que possamos considerar génesis?

Algumas pinturas rupestres de Moçambique, que tive ocasião de ver, não são diferentes das que tive oportunidade de apreciar em alguns países europeus. Portanto, sou levado a concluir que a pintura foi e sempre será uma forma de comunicação. Logo, as figuras que o egípcio, o bagaúda, o gépida ou o sérvio usaria para transmitir uma mensagem não diferem umas das outras. Não julgo, portanto, muito importante esta guerra de raízes ou originalidades nacionalistas na pintura. A necessidade é comunicar e não a identidade cultural, de modo que quando pinto um pé enorme não estou a exprimir moçambicanidade, mas o pé descalço de qualquer ponto do mundo.

O outro valor das técnicas universais na pintura é permitir que a atitude do observador não seja obrigada a variações de padrão. O observador, num primeiro relance, quer ver o que está pintado, cavalos, pessoas, árvores... A segunda preocupação é como está pintado, se está bonito ou não, a impressão à vista. Claro que tem havido pessoas que secundarizam o conteúdo, mas isso constitui um erro, porquanto a mensagem fica perdida.

P — **Admitimos, pois, esta necessidade de uma linguagem universal, mas porquê esta sua tendência a retratar situações globais e não estas particulares do seu restrito espaço geográfico?**

NU — Bem, posso ser motivado, por exemplo, a pintar uma situação que vi nos subúrbios e me chocou, mas imediatamente, surgem relatos através dos meios de comunicação, que assumem maior peso, influem para alterar a minha produção artística.

Então, o elemento da mensagem volta a ser universal. Nesta minha exposição, manifesto o meu sentimento de pesar perante a morte de muitos inocentes, que tem sido o dia-a-dia da Humanidade.

P — **Na sua opinião, que vias a seguir para alcançar formas universais ou mais amplas de comunicação?**

NU — O caminho resume-se em estudo e prática. A própria actividade do indivíduo implica uma pesquisa permanente. O estudo, esse, já comporta diversos aspectos: **análise crítica do que se faz, em termos de formas, técnicas, amplitude, riquezas e insuficiências.**

No processo de trabalho, podemos ganhar consciência dos nossos erros, veremos se a execução técnica está perfeita, se as formas são as mais adequadas para o transporte da mensagem. Por exemplo, um indivíduo quer pintar um tema de ternura e usa formas quebradas. Aqui as pessoas entenderão o contrário.

O segundo aspecto é a verificação do que fazem os outros. Ver exposições, ler revistas, biografias, etc. Por último, temos o estudo académico, que é sempre bom e permite uma execução de maior plenitude. O desprezo pelo conhecimento técnico, muitas vezes, traz resultados desastrosos. Um exemplo disso são pinturas estaladas. O pintor sobrepõe camadas de tinta que, ao fim de poucos anos, racham ou estalam. Isto reflecte falta do domínio dos materiais. Na pintura é também comum vermos sujidade, não pintada intencionalmente, mas resultante de insuficiências técnicas. Em resumo, a componente académica é importante.

P — **Como pintaria o dia do seu nascimento?**

NU — Tinha que ser de um amarelo cádmio, porque vejo como um dia de movimento, luz, calor — que não dá lugar a tristezas.